



PRÁTICAS EDUCATIVAS COMO INSTRUMENTOS DA DECOLONIZAÇÃO NA COMUNIDADE INDÍGENA KOKAMA SAPOTAL: REFLEXO EDUCATIVO LOCAL.

¹CURICO, Maico Apaguenho. Universidade Federal de Rondônia-UNIR. Maicobc1991@gmail.com 1

² BORGES, Luciana Riça Mourão. Universidade Federal de Rondônia-UNIR. Luciana.borges@unir.br 2

Introdução

O presente trabalho é resultante das inquietações dos autores sobre aspectos relacionados às práticas educativas que se constituem no cotidiano dos professores na comunidade indígena kokama Sapotal, implicando sobremaneira nas dinâmicas socioculturais da comunidade, sobretudo nas salas de aula, dando ênfase às vozes da direção comunitária e dos próprios docentes da referida.

Potencializar as práticas educativas e a cultura indígenas kokama e tirar desse anonimato torna-se um processo desafiador, pois é resistir o pensamento colonizador com suas experiências de docência no seu âmbito educacional. Neste sentido, indagar e debruçar-se sobre o possível caminho percorrido na prática pedagógica, tem construído na sua docência com sua potencializadora metodologia diferenciada. Sob essa perspectiva, a abordagem metodológica da pesquisa seguiu através de investigação-formação conforme Josso (2006), segundo a qual pela articulação entre as narrativas autobiográficas e as histórias de vida dos professores tem se apresentado como possibilidades de processos formativos, quando se refere à atuação docente em suas práticas pedagógicas. A pesquisa foi desenvolvida na Comunidade Indígena Kokama Sapotal, no município de Tabatinga-AM, na mesorregião do Alto Solimões e se apresenta como um elemento potencializador da produção do conhecimento.

E tem como objetivo geral, identificar às práticas pedagógicas educativas decoloniais e socioculturais dos docentes da Comunidade Indígena Kokama de Sapotal. E como objetivos específicos, conhecer os motivos pelos quais essas práticas educativas tornaram-se atos de

¹ Licenciado em Geografia pela Universidade do Estado do Amazonas-UEA, ESP. em Metodologia do Ensino de Geografia e História pela Universidade da Venda do Imigrante-FAVENI, Mestrando em Geografia pela Universidade Federal de Rondônia- UNIR.

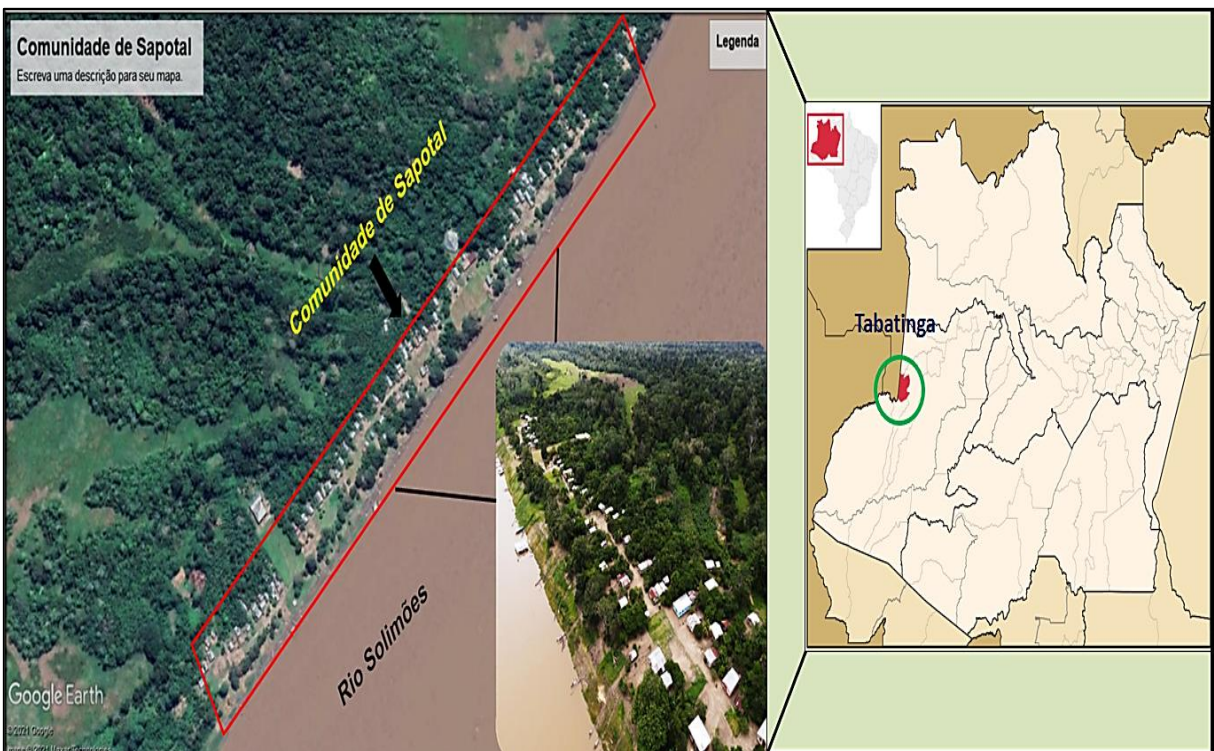
² Doutora em Geografia Política e Professora da Universidade Federal de Rondônia – UNIR.

resistências para a comunidade, entender as práticas educativas como instrumentos de resgate culturais e linguísticos na comunidade Indígena Kokama Sapotal.

Metodologia

O trabalho tem como procedimentos metodológicos os métodos quali-quantitativo, os mesmos possibilitaram-nos identificar às práticas educativas decoloniais e socioculturais dos docentes da Comunidade Indígena Kokama de Sapotal como mostra a figura 01 e conhecer os motivos pelos quais essas práticas educativas e a cultura se mantinham no anonimato e desconhecidas.

Figura 01. Área de Estudo, Comunidade de Sapotal.



Fonte: Google Earth e adaptado por Curico, Maico, 2023.

A coleta de dados foi feita por meio de trabalho de campo, entrevistas narrativas, questionários de natureza individual e coletiva, também foram utilizados outros artifícios digitais como o Google Earth para mapear a área da comunidade, câmera fotográfica, usada para registro das práticas, gravador de voz, mapas e entre outros.

As pesquisas bibliográficas tendo como: artigos, livros e revistas serviram como bases teóricas de grades importâncias e relevância para o enriquecimento do trabalho nas quais foram encontradas informações prévias para o enriquecimento do trabalho.



Histórico da escola municipal indígena Marechal Rondon da Comunidade de Sapotal

Escola Municipal Indígena Marechal Rondon, está localizada na terra exclusivamente indígena kokama na comunidade de Sapotal na margem esquerda do Rio Solimões em limite com a terra indígena Eware I.

Figura 02. Escola Municipal Marechal Rondon em 2002.



Fonte: Iranlei Samias, em 2022.

Criado em 15 de agosto de 1972, escola construída pela própria comunidade, com materiais próprios da mata, levando como primeiro nome de **Nova União**, criada e construída devido à necessidade dos filhos dos moradores para estudarem e assim aprender a ler e escrever, sendo o primeiro professor indígena Francisco Guerra Samias, filho da comunidade de Sapotal, assim dentro de poucos anos outros filhos da comunidade começaram a trabalhar como professor entre eles: Professor Guilherme Samias Padilha, Iraci Rodrigues Curico, Claudionor Januário Tananta, Jair Guerra Samias que até hoje continua trabalhando. E também passaram vários professores não indígenas.

Posteriormente no ano de 1981 o nome da escola passou a se chamar de Escola Municipal Indígena Marechal Rondon, devido ao grupo de itinerante chamados de Marechal Rondon que chegaram na comunidade em homenagem ao grande defensor dos povos indígenas do Brasil o indigenista Marechal Rondon, durante a administração municipal do então Senhor Prefeito Oscar Gomes da Silva, nomeado como o primeiro prefeito do município de Tabatinga. A escola passa a ser reconhecida oficialmente pelo decreto municipal



Lei 345 de 22 de março de 2000 pela Prefeitura Municipal de Tabatinga. A escola desde sua criação sempre funcionou somente com as séries iniciais de 1ª a 4ª série do ensino fundamental, já no ano de 2002 foi implantado as demais séries de 5ª a 8ª série.

Imagem 03. Escola Municipal Marechal Rondon 2021.



Fonte: Maicon Curico, em 2021.

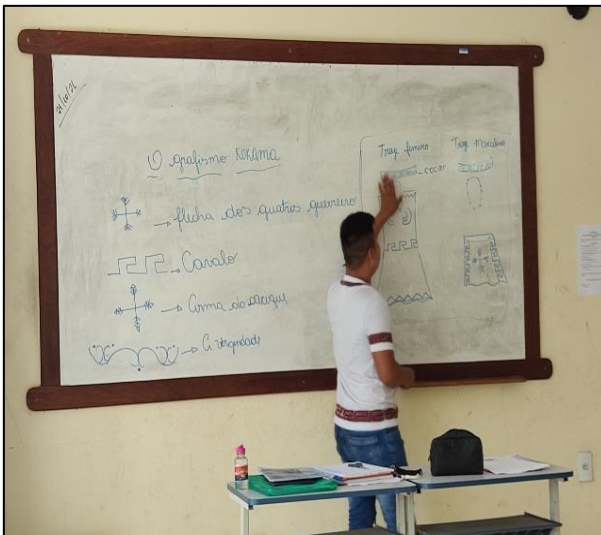
Atualmente a escola Municipal Indígena Marechal Rondon conta com 248 alunos regularmente matriculados, distribuídos em nível da educação infantil, fundamental e educação de jovens e adultos – EJA, assim como também o funcionamento do ensino médio com mediação tecnológica nas turmas do 1º, 2º e 3º ano, a escola conta com 01 Gestor, 01 apoio pedagógico, um corpo docente de 11 professores e 08 pessoal administrativo, tendo como anexos a escola Municipal Indígena Nova Alegria da comunidade kokama de Jutimã e a Escola Municipal Indígena São Sebastião da comunidade Kanamari de Vista Alegre. Atualmente a escola conta na parte de estrutura física com 5 salas de aula, 1 sala de secretaria 1 sala de direção, 2 banheiros, 1 refeitório, 1 cozinha e 1 amoxarifado e conta com o quadro de profissionais: 1 Gestor 1 apoio pedagógico e 11 professores entre professores da rede municipal e da rede estadual, 2 vigias 1 administrativo e 5 serviços gerais, com um total em média 248 alunos entre alunos do ensino fundamental e ensino médio.



Resultados e Discussão

Durante as visitas a campo, identificaram-se às práticas pedagógicas educativas decoloniais e socioculturais dos docentes da Comunidade Indígena Kokama de Sapotal como forma de oportunizar os conhecimentos relevantes desses professores na construção diária de sua prática docente, bem como colocar em evidência a produção de recursos elaborados por eles a partir de seu cotidiano, socializando práticas que dialogam e fortalecem o ensino aprendizagem, fundamentado nos valores culturais da comunidade, como mostram as figuras abaixo.

Figura 02. Prática, resgate cultural kokama.



Fonte: Curico, Maico, 2022.

Figura 03. Prática da língua kokama.



Fonte: Curico, Maico, 2022.

As figuras acima, destacam as práticas pedagógicas dos professores da comunidade de Sapotal, práticas essas, que correspondem às questões socioculturais da comunidade, como mostra a figura 02, destacado pelo professor e trazendo a importância dos grafismos, das músicas, da pintura e do traje de sua etnia e seus significados para o seu povo kokama.

A figura trás o momento da prática da língua materna, ministrada pelo professor J. Samias, momento de aprendizagem, um pouco desafiador como afirma o professor, mas com uma grande relevância no ensino e aprendizagem dos educandos.

Essas práticas correspondem às questões socioculturais da comunidade, como forma de decolonizar pensamentos e atitudes que ainda estão impregnados nas mentes das pessoas, e sobretudo, visibilizar os aspectos que correlacionam com a identidade de um povo que por muito tempo foi silenciado.

Potencializar as práticas educativas indígenas, e tirar desse pensamento colonizador, torna-se um processo desafiador, pois é apresentar atos de resistências através das

experiências dos docentes no seu âmbito educacional. Neste sentido, indagar e debruçar-se sobre o possível caminho percorrido na prática pedagógica, tem construído na sua docência com sua potencializadora metodologia diferenciada.

Figuras 04, 05. Praticas docentes educativas.



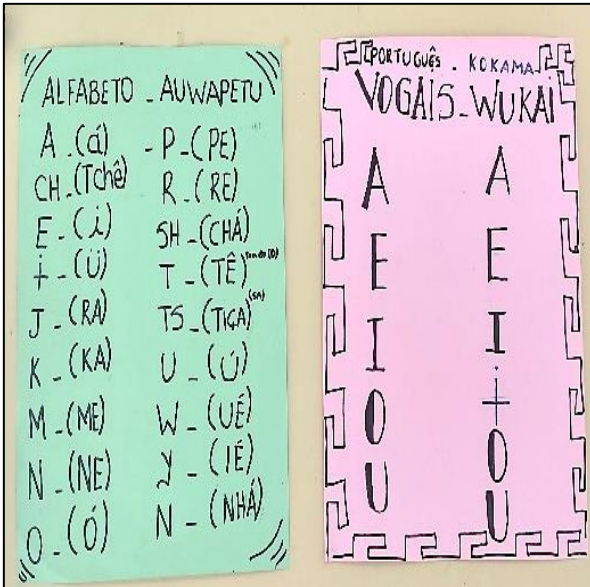
Fontes: Hélio Samias, 2023.

As práticas decoloniais desenvolvidas pelos próprios docentes indígenas, é a luta atual nos processos de aprendizagem, entretanto, ainda é um caminho que não está sendo percorrido em sua plenitude. Em muitos povos é latente como o ensino considerado pertinente pelo próprio grupo ainda necessite adaptar-se às exigências de currículos das secretarias de educação dos municípios e dos estados. Por isso, pensar o ensino de qualidade e comprometido com as políticas dos próprios grupos torna-se uma tarefa difícil quando não se



... pode pensar completamente o ensino, mas encaixá-lo em um currículo pronto como é o caso da comunidade de Sapotal, que só a partir do ano de 2009, a Língua indígena kokama passou a fazer parte da matriz curricular da Escola Municipal Marechal Rondon, localizado na comunidade.

Figura 06. Vogais e Alfabeto Kokama.



Fonte: Curico, Maico, em 2022.

Figura 07. Práticas docentes Kokama.



Fonte: Curico, Maico, em 2022.

As imagens acima, destacam conquistas para a etnia, conquista reivindicada há anos, a língua indígena kokama como componente curricular da escola Marechal Rondon. A língua proibida pelos colonizadores de ser proferida

O impacto histórico na mudança da língua indígena partiu-se da chegada dos portugueses no Brasil, a partir desse momento muitas línguas indígenas foram sendo modificadas pela catequização quanto os sujeitos súditos da realeza portuguesa (MARIANI, 2004). Muitos foram forçados a deixar sua língua materna para atender às exigências do colonizador.

Nesse sentido, o ensinar e o aprender a língua kokama, a partir do contexto linguístico é fundamental para a valorização e o reconhecimento da mesma, e ainda por meio da construção e identificação da língua materna.

Para aprender falar ou ensinar a língua indígena, é mais que necessário afirmar sua identidade étnica, politicamente falando, é estar demarcando seu espaço no âmbito de seus direitos, reconquistando tal espaço na sociedade. Para Almeida (2007), sintetiza dizendo que os povos indígenas têm utilizado a língua como forma de controlar e obter mais autonomia para se relacionar com os órgãos governamentais, neutralizando ações que caracterizam uma nova forma de tutela.



Segundo Costa (2013), a extinção da língua indígena deve muito a política centralizadora portuguesa e depois brasileira, pois mesmo após a independência do Brasil, a sobrevivência de outras línguas dentro do território nacional continuou ameaçada, e ainda hoje estão em constante ameaça.

Levando em consideração o pensamento de Brand (2012), as práticas pedagógicas como processos educativos, se constituem a partir das relações socioculturais históricas vivenciadas de geração em geração entre grupos e indivíduos indígenas. Nesse sentido, quando nos referirmos às práticas educativas decoloniais dos professores da comunidade kokama de Sapotal, é muito importante ter relevância a quem vivencia essas práticas que muitas vezes se mantinham no anonimato e até mesmo desconhecidas.

Figura 08. Músicos Kokamas.



Fonte: Curico, Maico, em 2022.

Figura 09. Dança Kokama.



Fonte: Curico, Maico, em 2022.

Até o ano de 2008, a língua Kokama não era reconhecida como uma disciplina, ou seja, não fazia parte dos componentes curriculares da escola, por esse e outros motivos, práticas voltadas para o resgate da cultura kokama se encontravam no anonimato, sobretudo a prática da língua materna, por motivo de repreensão que por muitos anos o povo kokama sofreu, conforme o relato do cacique da comunidade.

Atualmente, a comunidade de Sapotal passa um processo de resgate da cultura e da Língua materna, esquecida por muito tempo como foi mencionado pelos docentes e o cacique da referida comunidade. Hoje, é possível destacar que a Educação Indígena é bem mais ampla do que ocorre na escola. Ela é pensada enquanto expressões socioculturais dos povos

indígenas que tem sido objeto de estudos acadêmicos, como objetivo de fortalecer a cultura desse povo.

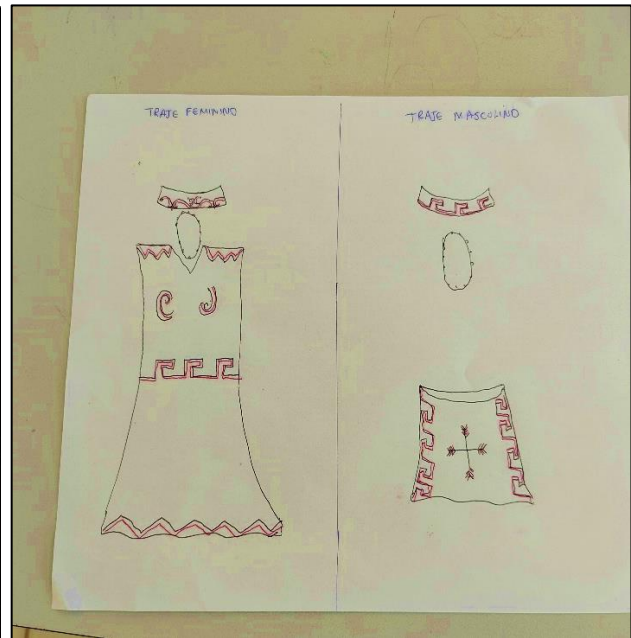
Muitas práticas hoje na comunidade são usadas como instrumentos de resgate da cultura e da língua do povo kokama da comunidade. Com a inserção da Língua Kokama no componente curricular da escola, facilitou-se para o desenvolvimento da prática da língua materna com os alunos, uma língua nunca ouvida nem até mesmo pelos seus pais, que por muito tempo foram obrigados a esquecer por ameaça de morte.

Figura 10. Trajes do povo Kokama.



Fontes: Hélio Samias, 2023.

Figura 11. Trajes do povo Kokama.



Fonte: Curico, Maico, em 2022.

A Figura acima destaca os trajes feminina e masculina do povo kokama, uma forma de representatividade dessa etnia, como dizem os docentes da referida comunidade, “*mostrar que o nosso povo está vivo e resistir por muito tempo*”. É reafirmar que a cultura está viva.

Na comunidade de Sapotal, vivi um processo de tornar cotidiano a sua cultura, sobretudo, a língua, que segundo Almeida e Rubim (2021), a língua kokama no Brasil, estava tão somente na memória das pessoas mais velhas, ou seja, a língua e os rituais não se veem mais com frequências em povo. Diante disso, o povo da comunidade busca tornar-se vivo as memórias e os costumes kokamas. São poucos os falantes dessa língua na comunidade, hoje Sapotal é a maior comunidade indígena Kokama do Alto Solimões, foi nesta comunidade que iniciou o movimento kokama.

Diante de muita luta, na comunidade de Sapotal, tem-se a língua Indígena Kokama como componente curricular, uma batalha conquistada no ano de 2009 (dois mil e nove), por meio de organização política em torno da escola, efetivando fortalecimento de sua identidade



ênica na busca de melhoria pra seu povo, ganhando força nas reivindicações nas questões inerentes à terra, à saúde e a educação.

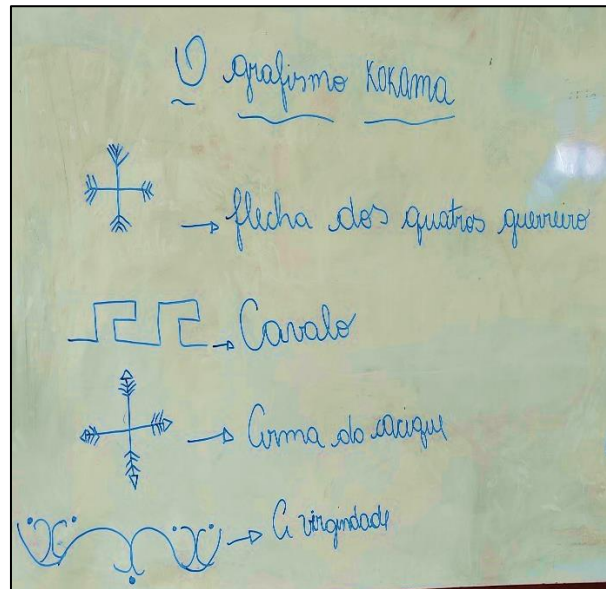
Atualmente, o grafismo e o traje kokama fazem parte da representatividade de seu povo, são usados em apresentações, como afirma o Cacique da comunidade, “é pra deixar claro para os brancos que nós povo kokama existe, e estamos vivos”. Muitos das pinturas e trajes são criados e confeccionados na comunidade, como mostram as figuras a seguir.

Figura 12. Grafismo Kokama.



Fonte: Curico, Maico, em 2022.

Figura 12. Grafismo Kokama.



Fonte: Curico, Maico, em 2022.

Como observado nas figuras acima, cada grafismo tem seu significado, e que até mesmos os alunos não sabiam. Por isso que os docentes têm essa preocupação em ensiná-los, porque até mesmos seus pais não conhecem, pois os anciões que conheciam de fato, já não vivem mais.

Segundo os relatos do cacique, tudo começou quando missionárias italianas começaram catequizar seu povo, e proibiu os indígenas falarem sua língua materna, as mesmas diziam que quando proferiam a língua materna do seu povo, estavam invocando o Diabo, e foram ameaçados de mortes. *Os missionários diziam que a população que viviam na comunidade, não eram índios, porque usavam roupas.* Esses foram um dos fatores que levaram o povo kokama da comunidade de Sapotal abandonar sua Cultura e a sua Língua Materna e hoje passam por grandes lutas para que sejam reconhecidas.

Por isso a importâncias dessas práticas descolonizadoras, uma vez aplicada irá desconfigurar todo o pensamento e atitudes eurocêntricas e que venham fortalecer a identidade dos moradores e sobretudo dos discentes, que saberão a história de seu povo, o porquê desses movimentos que todos os anos são realizados.

Considerações Finais

Se considerarmos, o reflexo educativo local da Comunidade de Sapotal, por muito tempo se caracterizou como eminentemente colonial, podemos afirmar que nos dias atuais, a visão é outra, ou seja, essa etapa já foi vencida. Ainda que restem diferentes entraves e dificuldades, a escola Marechal Rondon se encaminha no sentido de construir o seu próprio projeto pedagógico e a associar-se as outras iniciativas essenciais para o desenvolvimento de suas práticas Educativas decoloniais.

Seguindo a linha de pensamento de Oliveira (2013), a escola é percebida como um caminho para que os povos indígenas possam trilhar seus projetos como forma de oportunizar seus métodos de trabalho, haja vista que a escola Marechal Rondon conta com 12 (doze) professores indígenas da etnia kokama. Contudo, a realidade cotidiana da escola ainda não é o ideal para atender a comunidade. A escola diferenciada que há tanto tempo os povos indígenas buscam, mantém ainda muitos resquícios da escola colonial, catequizadora e homogeneizadora.

A escola indígena atual precisa se constituir de maneira que seus conteúdos programáticos correspondem aos anseios dos educandos, respeitando sua histórica e sua cultura. A escola necessita aproveitar os conhecimentos que as comunidades possuem e contar positivamente com eles. Assim se tornará uma escola libertadora, dialógica, respeitadora e transformadora, tornando uma escola protagonista através de seu reflexo educativo local.

Referências

ALMEIDA, A. Wagner Berno.; Rubim, Altaci Correa. **Kokama: A Reconquista da Língua e as Novas Fronteiras Políticas**. Revista Brasileira de Linguística Antropologia. Acessado em 2021.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. 2007. **Os movimentos indígenas e a autoconsciência cultural**. In: Alfredo Wagner Berno de Almeida (Org.). **Terra das Línguas: Lei Municipal de Oficialização de Línguas Indígenas**. São Gabriel da Cachoeira, Amazonas. PPGSCA, Ufam, Fund. Ford. p.9-29.

BRAND, Antônio. Saberes tradicionais e as possibilidades de seu trânsito para os espaços escolares. In: **Anais eletrônicos do GT 21 – Educação e relações étnico-raciais, 35ª Reunião da Anped**, Porto de Galinhas/PE, 2012.

COSTA, F. Vanderlei Ferreira. **Revitalização e Ensino de Língua Indígena: Interação entre Sociedade e Gramática**. São Paulo, 2013.



JOSSE, Marie-Christine. **Experiências de Vida e Formação**. Lisboa: Educa, 2006-Acesso em 2021.

MARIANI, Bethania. **Colonização linguística**. Campinas-SP: Pontes, 2004.

OLIVEIRA, Aline Martins de. **Práticas Educacionais e Protagonismo em Escolas Indígenas**. Curitiba 2013